

OS BENEFÍCIOS DOS JOGOS LÚDICOS PARA INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM SURDEZ NO ENSINO FUNDAMENTAL I

NISHI, Lilian Natsumi Honna ¹

HIRAY, Hélio Cunhichiro ²

RESUMO: O presente estudo traz uma reflexão em relação aos benefícios dos jogos lúdicos para a inclusão de alunos com surdez no ensino fundamental I, tendo como propósito geral destacar o jogo tal como ação didática na educação inclusiva, apresentando-os como modo de facilitação para o ensino aprendizagem, mostrando assim seus benefícios e métodos de auxílio para o professor, que por sua vez necessita que o corpo docente esteja preparado para atuar conjuntamente, para que haja a inclusão e integração destes alunos na comunidade escolar, propondo a adaptação de jogos e brincadeiras que de alguma forma dificultariam a participação de crianças surdas no seu modo original. Através dos jogos adaptados, supõe-se que a criança aprende se divertindo, além de desenvolver outras habilidades e áreas psicomotoras. Isso as beneficiaria, pois sabendo que quanto mais elas estão inseridas no âmbito ativo da língua de sinais (que a escola deveria proporcionar), mais seu padrão de desenvolvimento fica próximo de se igualar ao das crianças ouvintes. Esses jogos e brincadeiras lúdicas não devem ser julgados meramente como lazer, pelo fato de que operam de modo com que a criança assimile as coisas de modo natural, assim neles deve haver propósitos efetivos, que cooperam para o desenvolvimento delas. A seguinte pesquisa desenrolou-se através de uma revisão literária, recorrendo a fontes acadêmicas.

Palavras-chave: Jogos lúdicos. Surdez. Fundamental I. Inclusão. LIBRAS.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se da inclusão de crianças com surdez no sistema regular de ensino, retratando a vantagem dos jogos lúdicos para auxiliar no ensino aprendizagem. O ato de brincar sempre fez parte do dia a dia das crianças, proporcionando novas experiências e relações sociais, que contribuem para a expansão de seus conhecimentos. Partindo dessa hipótese, sua aplicação como recurso para aprendizagem, pode ser analisada como uma ação otimista, onde o lúdico passa a ser visto como um aliado para os professores podendo assim orientar seus alunos, em busca do desenvolvimento, dentro de uma perspectiva inclusiva.

Tendo como objetivo geral ressaltar o jogo como prática pedagógica na educação inclusiva, o trabalho analisa tal recurso como facilitador para o desenvolvimento de

¹ Lilian Natsumi Honna Nishi – Graduação Licenciatura em Educação Física. FREA/FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré. 18700-902. Avaré-SP. liliannatsumi@hotmail.com.

² Orientador Professor titular na FREA/FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré. 18700-902. Avaré-SP. heliohiray@gmail.com.

habilidades e competências mediante a construção do conhecimento em contextos significativos. A pesquisa desenvolveu-se por meio de revisão literária, utilizando fontes acadêmicas, como artigos científicos, literatura impressa e virtual, entre outras fontes. Através deste, buscou-se alcançar também os objetivos específicos, a seguir: (a) de que maneira deveria proceder para utilizar jogos lúdicos como atividade educativa, possibilitando auxiliar a comunicação entre os alunos surdos e ouvintes, sem rejeição, e sim com participação ativa?; e (b) qual a importância da inclusão da criança surda nesta fase?

Supõe-se a disposição da escola e profissionais, de atender a toda e qualquer necessidade específica de aprendizagem, obtendo a integração e a união, de alunos com e sem deficiência.

Fávero (2004, p. 38) analisa a diferença entre as palavras integração e inclusão, apesar de que estas envolvam a mesma ideia de agregar quem está excluído, qualquer que seja a razão. Explica que na integração “a sociedade admite a existência de desigualdades sociais e, para reduzi-las permite a incorporação de pessoas que consigam ‘adaptar-se’, por méritos exclusivamente seus. Ainda, a integração pressupõe a existência de grupos distintos que podem vir a se unir”.

2. SURDEZ

Lima e Vieira, no excerto abaixo, conceituam a surdez como sendo:

[...] a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala por intermédio do ouvido. [...] Simplificando bastante, podemos dizer que recebemos as informações, difundidas pelo canal auditivo, por meio das palavras, e assim aprendemos a falar. A pessoa surda não recebe essas e outras informações auditivas da mesma forma que a maioria. (2006, p.52-53)

Essa perda da capacidade auditiva, não faz com que o surdo seja consequentemente mudo, ele somente não aprendeu a falar, sendo assim não é capaz de reproduzir as palavras, mas isso não quer dizer que ele não sabe se comunicar, pelo contrário, ele se comunica através dos sinais.

De acordo com o Dr. Luciano Moreira – otorrinolaringologista, nos casos da perda de audição, pode ser utilizado alguns recursos, explica:

[...] em muitos casos, a perda auditiva decorre de uma lesão na cóclea (orelha interna). Esta lesão pode ocorrer por fatores genéticos, barulho excessivo, uso de medicamentos tóxicos, alterações específicas no metabolismo, entre outras causas.

Nestes casos a medicina não dispõe ainda de métodos curativos. Porém, a grande maioria destes pacientes pode se beneficiar de aparelhos auditivos ou, nos casos de surdez severa ou profunda (total), do implante coclear. (2010).

No entanto, geralmente os aparelhos e implantes tem um preço alto e difíceis de obter através da rede pública.

A princípio, os indivíduos aprendem a falar naturalmente em seu âmbito familiar. Mas como a maioria das crianças surdas não tem esse contato linguístico semelhante à dos ouvintes em suas famílias, a escola passa a se incumbir da função, e também de oferecer-lhe condições para adquirir a língua de sinais e para o aprendizado da língua portuguesa.

No dia 26 de setembro é comemorado o Dia Nacional do Surdo. A data representa uma oportunidade para relembrar os desafios e as lutas por melhores condições de vida das pessoas com deficiência auditiva. Para marcar a data, foi inaugurada uma Central de Libras na Escola Estadual Barbosa Lima, em Recife.

De acordo com Antonio José Ferreira - secretário Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - o principal desafio é chamar a atenção sobre a importância da disseminação da Língua Brasileira de Sinais no país, destacou:

Esse dia é importante para valorizar o protagonismo desse grupo e firmar a luta pela afirmação da língua brasileira de sinais, que é reconhecida como a segunda língua oficial do povo brasileiro desde 2002 [...] É preciso fortalecer o acesso das pessoas surdas à comunicação. (2014)

Oficializada por meio da Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008, a data lembra a criação da primeira Escola de Surdos no Brasil na cidade de Rio de Janeiro, em 26 de setembro de 1857. Na época, o Imperador Dom Pedro II convidou o professor surdo Eduard Huet, formado no Instituto Nacional de Surdos de Paris, na França, a vir ao Brasil lecionar aulas para crianças surdas.

Quando se fala em surdez, constrói-se uma ideia de dificuldade na comunicação, problematizando o ensino-aprendizagem de surdos em escolas. Para tal, o repertório do educador deve ser variado, para que possam proceder com toda a diversidade de pensamentos, culturas, valores e saberes que os alunos trazem consigo, visto que cada criança é um universo particular, com suas dificuldades, limitações, possíveis perturbações de todas as diretrizes e potencialidades que podem ser analisadas e instigadas para seu amplo desenvolvimento (CÓRDULA, 2013). Quando essa diversidade de educandos inclui surdos, a escola deve estar preparada para realizar todo o procedimento de inclusão para seu pleno desenvolvimento e

integração na comunidade escolar, além de operar associadamente com os professores para que haja a formação desse educando em sua língua materna, a LIBRAS (Quadros, 2004).

2.1. LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

Segundo Sonsin (2012) – especialista em Educação Especial e LIBRAS, professora da Faculdade Integrado de Campo Mourão - a LIBRAS, teve sua origem da Língua de Sinais Francesa. Foi reconhecida como 2º língua oficial do Brasil pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada por meio do decreto 5626/2005, que reconhece como meio legal de comunicação e expressão, e outros recursos a ela associados, corrobora o dever da garantia, por parte do poder público em geral e empresas habilitadas de serviços públicos, de forma oficial de apoiar o uso e a propagação da língua como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Emprega-se a LIBRAS, como meio de comunicação dos surdos. Uma linguagem natural onde é expressada através de sinais, expressões faciais e corporais. É o canal de comunicação espacial-visual, ou seja, utiliza-se o espaço para passar a informação e a visualização para receber.

Para cada região há variações na língua, que são criadas pela comunidade surda, do mesmo modo que na língua oral. A língua é geograficamente distinta, como a LIBRAS. Ela é utilizada pelos surdos brasileiros, assim como em cada país ou região tem o seu modo de comunicação na língua de sinais.

Para as pessoas a comunicação é a forma mais importante para expor seu conhecimento, seu sentimento, seu ponto de vista. Para tal utiliza-se uma língua, pode-se dizer que a linguagem é própria do ser humano. A respeito da comunicação e linguagem, os autores UZAN et al (2008, p. 1) citam o seguinte:

A comunicação é uma necessidade humana, e as línguas oral e escrita são as formas mais comuns de comunicação. Por isso, pode-se dizer que a linguagem é natural do ser humano estrutura do seu pensamento, traduz o que sente, registra o que conhece, se comunica com os outros produz significação e sentido.

De acordo com Fernandes (1998) citado por Behares (1993) as crianças que pertencem a famílias surdas e crescem em contato com a comunidade surda, demonstram os mesmos padrões de desenvolvimento que as crianças ouvintes em seu crescimento com a língua oral. Essas crianças, pelo emprego precoce da língua de sinais, demonstram melhores

capacidades, quanto ao processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, social e acadêmico. Em compensação, crianças surdas pertencentes a famílias ouvintes - sendo apenas membros eventuais da comunidade surda - onde a língua oral é o único modo de comunicação, tem nos primeiros anos de vida uma privação verbal, por estarem naturalmente excluídas do âmbito ativo do uso da língua de sinais.

A língua de sinais não é exclusividade para surdos, os ouvintes também podem aprender, isso beneficiaria o convívio, e o fortalecimento da inclusão.

3. A INCLUSÃO E O LÚDICO

Quando se fala em inclusão, habitualmente idealizamos o acolhimento das diferenças cognitivas ou físicas, sem distinção, combatendo a exclusão aos benefícios da vida em sociedade. Segundo a Declaração de Salamanca (1994, p. 17-18) sobre a Educação Inclusiva, diz:

O princípio fundamental desta Linha de ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham. Crianças de populações distantes ou nômades, crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

No processo de inclusão para possibilitar eficazmente o ensino aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais é fundamental desvendar o discurso que instaura um único processo de construção de conhecimento, onde todos aprendem a mesma coisa, da mesma maneira, visto que o discurso inclusivo propõe uma escola para todos.

Segundo análise de Souza e Góes (1999, p. 164):

A idéia de escola para todos começa a ser concretizada com a abertura de suas portas para receber os excluídos, mantendo-se, porém, em essência, as mesmas e precárias condições oferecidas aos que já estavam supostamente incluídos. De fato, mesmo estes últimos não vêm atendidas suas necessidades educativas mais elementares, problema esse que tem sido já exaustivamente apontado na discussão de nossa realidade educacional.

No veículo de comunicação educativo - Rede TVT - foi relatado pelo programa Seu Jornal uma iniciativa da Prefeitura de Santo André, onde foi inaugurado o polo bilíngue português e LIBRAS, que coloca na mesma sala de aula, alunos surdos e ouvintes, sendo eles da educação infantil, fundamental e educação de jovens e adultos. Onde eles não aprendem somente a LIBRAS, mas também a escrita do português que para os surdos é uma língua

desconhecida, com o auxílio de professores e intérpretes, ajudando no relacionamento e aprendizado. Com isso, professores também se juntam para aprender a língua de sinais, para um melhor aproveitamento nas aulas, criando vínculos, e quebrando as barreiras com os alunos surdos.

Para Vygotsky (1991, p. 38-41), as funções psicológicas superiores consistem na capacidade de planejamento, imaginação, desenvolvimento da vontade, entre outros. Esses processos mentais, não são inatos, eles se organizam nas relações entre os indivíduos e se desenvolvem ao longo do processo de interação.

As teorias de Vygotsky (1998) influenciaram a área da educação, onde para ele, o brincar opera na ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal – que é a distância entre aquilo que a criança consegue realizar sozinha, e aquilo que ela só consegue realizar com o auxílio de outros. Com isso, ocorre a interferência pedagógica, já que os desafios contidos nos contextos lúdicos promovem o pensamento e leva as crianças a atingirem níveis de desenvolvimento, ainda que brincar envolve situações de prazer.

A atividade lúdica contribui para a comunicação da criança com o meio e com ela mesma, já que assim ela irá se deparar com novas formas de se comunicar e com isso de forma dinâmica, poderá compreender o meio na qual está inserida e a si própria (AMARILHA, 1997; FERREIRA et al., 2004).

São notórios os resultados que o lúdico – com brincadeiras e jogos – traz ao desenvolvimento da criança na fase de aquisições de competências e habilidades (VYGOTSKY, 1984, apud KISHIMOTO, 1997). Em vista disso, o processo de ensino-aprendizagem só teria grandes benefícios com o emprego dessa metodologia de ensino, carecendo apenas de uma alteração no âmbito educacional e do planejamento do professor para a sua aplicação ao longo dos bimestres letivos (SALOMÃO et al., 2007; FERREIRA et al., 2013).

A ludicidade faz com que a criança aprenda de modo natural, pois os modelos dos jogos didáticos não podem ser visto apenas como passatempo ou distração, nele deve existir objetivos reais que contribuam para o progresso e a aprendizagem da criança (ALMEIDA, 1995).

Segundo Santos (1999), brincar é viver na concepção da criança. Toda criança brinca, gosta de brincar e se sente bem quando o faz. Da perspectiva pedagógica, brincar tem se revelado uma tática importante para o aprendizado. Partindo deste ângulo de que “brincar é viver”, a autora afirma que, se a criança se diverte, divertindo-se, ela aprende e assim vive de forma plena a etapa na qual se encontra.

Góes (1997) realizou uma das primeiras pesquisas associada ao brincar de crianças com surdez, se disponibilizando a pesquisar um grupo de crianças que estavam desenvolvendo a língua de sinais. Estas pesquisas atestaram que a prática linguística é decisiva na dinâmica de interação em jogos simbólicos.

Ela elaborou seu estudo em uma brinquedoteca, o que auxiliou a conexão das crianças com os brinquedos. Através de observações, mostrou que a criança surda tende a utilizar gestos e expressões corporais no decorrer das atividades lúdicas, assim trazendo um prejuízo a língua. Isso aconteceu por pouco contato com a língua de sinais.

3.1. Adaptação de jogos lúdicos

Na presente seção, serão apresentados três jogos em sua forma original e em seguida o modo adaptado para crianças com surdez.

- Telefone sem fio: Essa brincadeira é muito boa para o desenvolvimento da atenção e principalmente da memória auditiva, no caso do jogo original. Quando adaptada proporciona o desenvolvimento da memória visual, tanto em crianças surdas como ouvintes. No caso das crianças surdas também pode enriquecer muito o desenvolvimento do vocabulário em Língua Portuguesa.

JOGO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>Para a atividade desenrolar-se, serão necessárias pelo menos cinco pessoas, porém, quanto mais pessoas, mais engraçado a brincadeira fica.</p> <p>Sentados em linha reta ou em círculo, a primeira pessoa elabora secretamente uma palavra e fala, sem que ninguém mais ouça o que ela está falando, nos ouvidos do próximo (à direita ou à esquerda). Assim, o próximo fala para o próximo e assim sucessivamente até chegar ao último. Quando a corrente chegar ao último, esse deve falar o que ouviu em voz alta. Geralmente o resultado é desastroso e cômico. A palavra se desfigura ao passar de pessoa para pessoa e geralmente chega totalmente diferente no fim.</p>	<p>As crianças deverão estar dispostas em uma coluna, uma atrás da outra.</p> <p>O último da fila deverá tocar levemente o ombro do colega à frente, que irá se virar para ele. O jogador iniciante (o último da fila) deverá soletrar uma palavra ou frase com o alfabeto manual da Libras. Em seguida este (penúltimo da fila) deverá realizar o mesmo procedimento com o que está a sua frente, repassando o que lhe foi dito em sinais até chegar ao primeiro da fila. O resultado final deverá proporcionar o mesmo efeito do jogo original, mas em Libras.</p>

- Dança da cadeira: Nesta brincadeira, as crianças trabalham a percepção e a agilidade, onde os ouvintes precisam de mais atenção pelo fato de não estarem acostumados com a brincadeira sem a presença do som. Com isso, tem a possibilidade de eles entenderem as dificuldades dos colegas surdos, e assim inclui – los nas futuras atividades entre si.

JOGO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
A quantidade de participantes é livre. Todos devem dançar ao redor das cadeiras colocadas em círculo. Sempre que a música parar todos devem procurar uma cadeira para se sentar. Aquele que ficar em pé sai da brincadeira e o jogo recomeça com uma cadeira a menos.	As crianças devem andar ao redor das cadeiras colocadas em círculo. Uma das crianças ou o professor deve ficar fora do círculo dançando ou fazendo movimentos, que seja possível que todos vejam. Quando este parar e colocar as mãos junto ao corpo, todos devem procurar uma cadeira para se sentar, quem ficar em pé substitui a pessoa que estava do lado de fora, e a que fazia os movimentos sai da brincadeira e o jogo recomeça com uma cadeira a menos.

- Boliche do alfabeto / configurações de mãos: Esse jogo tem o objetivo de cooperar para o desenvolvimento da coordenação motora além de levar a criança a identificar as letras e associa-las com o fonema inicial de cada palavra, no caso das crianças ouvintes. Quando adaptada, leva a criança a relacionar a configuração de mão ao sinal que é realizado com ela.

JOGO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
São necessárias garrafas pet, letras em fichas, cola e bola. Cada garrafa deverá ter uma letra do alfabeto. Deve-se enfileirar as garrafas em certa distância dos alunos. Cada criança deverá jogar a bola em direção às garrafas tentando derrubá-las. Ao derrubar as garrafas, as crianças devem dizer uma palavra que se inicia com cada letra.	Ao invés de letras, podem-se utilizar configurações de mãos nas garrafas e ao atingi-las a criança deve fazer um sinal em LIBRAS que se inicie com a configuração correspondente.

Os exemplos acima, podem fazer parte do leque de opções de jogos e brincadeiras que são possíveis de serem adaptadas, ajudando tanto na inclusão, como nas áreas psicomotoras e intelectuais. As brincadeiras coletadas foram as que, de certo modo, impossibilitaram a criança com surdez de integrar-se na forma original, considerando que há

diversos jogos e brincadeiras que podem ser aplicadas com crianças surdas, sem a precisão de adequar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão literária trouxe uma reflexão em relação aos benefícios dos jogos e brincadeiras como auxílio na inclusão de crianças surdas. Com isso, o foco maior se deu diante das condições onde estas possam desfrutar das mesmas experiências que as outras crianças, fortalecendo suas habilidades sociais que são proporcionadas através das atividades lúdicas.

Os jogos e brincadeiras que foram adaptados nesse trabalho podem ser utilizados como apoio para proporcionar a interação entre as crianças surdas e ouvintes, valorizando a língua de sinais nas escolas, além de outras habilidades necessárias. Considerando que esta adaptação é somente uma hipótese, cabe a cada professor estar atento ao seu grupo de alunos, para assim realizar adequações de acordo com a carência de cada criança no âmbito escolar.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio Aparecido de. et al. **Adaptação de Jogos e Brincadeiras Para Crianças Surdas**. Londrina: Educação e Dilemas Contemporâneos, 2017.
- ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas: literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BEHARES, L. E. Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança surda. In: MOURA, M.C.C.; LODI A.C.B.; PEREIRA M.C.C. (Orgs.). **Língua de sinais e educação de surdos**. São Paulo: TecArt. 1993, Série de Neuropsicologia, v.3, p.41-55.
- CÓRDULA, E. B. L. Na relação professor-aluno, cada criança é um universo infinito de possibilidades. **Educação Pública**. Cecierj, Rio de Janeiro, v. 13, n. 12, 2013.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. Espanha. p. 17-18. Jun. 1994.
- FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das pessoas com deficiência: garantia de igualdade na diversidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.
- FERREIRA, C. K.; FRIGHETTO, A. M.; SANTOS, J. C. Uma abordagem lúdica sobre o uso do jogo e da brincadeira no processo de alfabetização. **Nativa – Revista de Ciências Sociais**. Mato Grosso, v. 1, n. 2, 2013.

FERREIRA, C.; MISSE, C.; BONADIO, S. Brincar na Educação Infantil é coisa séria. **Akrópolis**. Umuarama, v. 12, n. 4, p. 222-223, out/dez. 2004.

GÓES, M.C.R. **A linguagem e o funcionamento imaginário no brincar da criança surda**. Relatório CNPq, 1997.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JORNAL, Seu. **Crianças surdas e ouvintes estudam juntas em Santo André**. TVT. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nEyZ12yGWII>>. Acesso em: Jun. 2018.

LIMA, P. A.; VIEIRA, T. **Surdos: a(s) linguagem(ns) como sistemas de representação e organização mental**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MAFRA, Kamila. **Jogos e Brincadeiras**. Espaço Lúdico. 2009. Disponível em: <<https://espacoludico.wordpress.com/jogos-e-brincadeiras/>>. Acesso em: abr. 2018.

MOREIRA, Luciano. **Sobre a Surdez**. Portal Otorrino. 2010. Disponível em: <<https://portalotorrino.com.br/recuperando-a-audicao/>>. Acesso em: Jan. 2018.

QUADROS, R. M. Educação de Surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (orgs.). **Temas em Educação Especial IV**. São Carlos: EdUFSCar, 2004, p. 55-61.

SALOMÃO, H. A. S.; MARTINI, M.; JORDÃO, A. P. M. **A importância do lúdico na Educação Infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. Psicologia. Set. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>>. Acesso em: jan. 2017.

SANTOS, S. M, P. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOCIAL, Assessoria de Comunicação. **Hoje (26) é o dia nacional do surdo**. Ministério dos Direitos Humanos. 2014. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2014/setembro/hoje-26-e-o-dia-nacional-do-surdo>>. Acesso em: mar. 2018.

SONSIN, Greice Kelli. **Sabia que o Brasil tem uma 2ª Língua oficial?**. Tribuna do Interior. 2012. Disponível em: <<https://www.tribunadointerior.com.br/noticia/sabia-que-o-brasil-tem-uma-2a-lingua-oficial>>. Acesso em: mar. 2018.

SOUZA, R. M.; GÓES, M. C. R. **O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão**. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **Atualidades da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Editora Mediação. 1999.

UZAN, A. J. S., OLIVEIRA, M. R. T. O., LEON, O. R. **A importância da Língua Brasileira de Sinais – (LIBRAS) como língua materna no contexto da Escola do Ensino Fundamental**. Paraíba-PB: XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação - Universidade do Vale da Paraíba, 2008. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1396_01_A.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4 ed. SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6 ed. SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.